

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA PSICOSE: UMA ILUSTRAÇÃO PSICANALÍTICA A PARTIR DA SÉRIE BATES MOTEL

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a constituição do sujeito e suas implicações na Clínica Psicanalítica, sendo construído a partir de uma análise de um personagem da série Bates Motel, e visto sob a ótica da estrutura clínica da psicose. Fruto de indagações da primeira autora diante da experiência do estágio clínico em Psicologia, são objetivos deste trabalho compreender como a constituição do sujeito influencia o modo de estruturação psicótica e as consequências para a clínica psicanalítica. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, sendo uma pesquisa de caráter qualitativo. Foram trazidos conceitos psicanalíticos sobre o sujeito, a psicose como estrutura clínica, o Complexo de Édipo, e foi feita uma análise da série Bates Motel, como um exemplo de caso de psicose. Concluiu-se que o sujeito vai se constituindo, desde a infância até a vida adulta, e que é de suma importância considerar todo esse trajeto quando discutida a questão da estrutura do sujeito.

Palavras-chave: Estudo de caso; Complexo de Édipo; Psicanálise; Psiquismo.

ABSTRACT

This paper has as theme the constitution of the subject and its implications in the Psychoanalytic Clinic, built from an analysis of a character from the series Bates Motel, under the clinical structure of psychosis. It is the result of questions from the first author because the Psychology basic clinical stage, and the goal setting of it is to understand how the constitution of the subject influences how the psychosis structure works and the consequences to psychoanalysis clinical. The methodology used was bibliographic research, being a qualitative research. Psychoanalytic conceptions were brought about the subject, psychosis as a clinic structure, Oedipus Complex, and it was made an analysis of the Bates Motel series, which has an example of psychosis. It was concluded that the subject has a whole constitution from childhood until the adult life, underlining the importance of considering all subject's journey.

Keywords: Study of case; Oedipus Complex; Psychoanalysis, Psychism.

O presente trabalho é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora, o qual teve como tema a construção do sujeito e suas implicações na clínica psicanalítica, fazendo-se uso de uma construção de caso fictícia (construída a partir de uma produção audiovisual, a série *Bates Motel*). O problema da pesquisa, por sua vez, foi questionar como a construção do sujeito traz consequências para a vida adulta, de modo a tecer algumas das implicações para a abordagem do sujeito psicótico.

O interesse na pesquisa surge a partir da experiência clínica da autora como estagiária em Clínica Psicanalítica, no Serviço de Psicologia Aplicada da instituição em que se formou em Psicologia. A série chega como um canal para discussão teórica sobre aspectos psíquicos e da personalidade de um sujeito, sem a necessidade de expor o

mesmo. Especialmente tratando-se de um caso de psicose, ressaltamos a dificuldade de tais pacientes chegarem até a clínica e especialmente em espaços de formação no Ensino Superior, pela delicadeza e desafios inerentes ao trabalho, sendo a série a oportunidade de pensar o caso a partir de situações cotidianas, mesmo assumindo que se trata de um personagem fictício, e então só poderíamos trabalhar com hipóteses. Nesse sentido, seguimos também a posição de Weinmann (2017), de que fazer uso de obras audiovisuais a partir da psicanálise nos permite priorizar “operações - repetições, variações, alternâncias, etc - por meio das quais os signos fílmicos se remetem uns aos outros, suscitando efeitos de sentidos” (p. 8), mais do que atentar à narrativa em si.

Considerado isso, o objetivo do trabalho foi compreender como a estrutura psicótica emerge a partir da constituição do sujeito, conforme a leitura psicanalítica. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo. Já a base teórica utilizada são as teorias e conceitos psicanalíticos a partir de Sigmund Freud (1856-1939) e Jacques Lacan (1901-1981), como constituição do sujeito, Complexo de Édipo, sexualidade e metáfora paterna.

Um caso fictício de Psicose: a série *Bates Motel*

O caso analisado é o do menino Norman, da série de suspense/terror norte-americana *Bates Motel*, exibida inicialmente pelo canal A&E, de 2013 a 2017, com um total de 5 temporadas, na qual cada temporada possui 10 episódios. A série foi desenvolvida por Anthony Cipriano e Carlton Cuse, e dirigida por Tucker Gates. Ela foi inspirada no clássico filme de Alfred Hitchcock, *Psicose*, onde Norman já é um adulto. Porém, a série relata a vida do garoto durante a sua adolescência.

A série conta a história de Norman Bates, um menino que possui uma relação muito forte com a mãe, Norma Bates e mostra como essa relação interfere na vida psíquica do menino. Quando o pai dele morre, a mãe decide se mudar para uma cidade pequena chamada White Pine Bay, no estado de Oregon, nos Estados Unidos. Nesta cidade, eles compram um pequeno hotel, o chamam de “Bates Motel”, e vão morar nos fundos do motel, que possui uma mansão antiga e clássica. Por ser uma cidade muito pequena, aparecem novas pessoas que tentam interagir com a família.

Norman Bates e a sexualidade

O sujeito, na concepção psicanalítica, é visto como efeito da linguagem e das relações que existem antes do nascimento, que Freud e Lacan abordam ao falar de sujeito e subjetividade. O sujeito se constitui através do Outro pela via da linguagem, determinado pela função simbólica (TOREZAN; AGUIAR, 2011). Freud (1916/2021, p. 215) discursa que a vida sexual da criança ainda não é organizada como a do adulto: “a sexualidade infantil, de modo geral, constitui-se sem a centralização e organização; cada uma de suas pulsões têm direitos iguais, e cada uma busca o ganho de prazer por conta própria”, organização esta que é caracterizada como perverso-polimorfa, uma vez que a criança manifesta a sexualidade infantil de várias maneiras, sem relação com uma zona erógena específica, e afastando-se da relação genital (BOROTO; SENATORE, 2019).

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa se tornar polimorficamente perversa, ser induzida a todas as extensões possíveis. Isso mostra que ela é constitucionalmente apta para isso; a realização encontra

poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais - vergonha, nojo e moral - ainda não foram erguidas ou se acham em construção, segundo a idade da criança (FREUD, 1905/2016, p. 98).

Freud (1916/2021) afirma que as pulsões sexuais parciais, em um primeiro estágio da organização sexual, denominado fase oral, possuem um objeto externo, por meio do qual encontrará prazer. Neste momento, Santos (2016, p. 2) mostra que: “a pulsão sexual está ligada a um órgão de excitação de uma zona erógena, pelo qual, encontra o seu prazer sem necessitar de um objeto externo”, o que Freud (1916/2021) denomina de autoerotismo. É a partir do autoerotismo que a criança deixa de obter prazer e toma seu próprio corpo como objeto de satisfação. Um exemplo, é quando a criança passa a chupar o próprio dedo, não como uma forma de alimentar-se, mas de buscar satisfação no próprio corpo. Nesse sentido, por exemplo, a amamentação significa a busca de alimento, mas também torna essa experiência uma lembrança psiquicamente prazerosa (SANTOS, 2016).

De acordo com Marochi e Cremasco (2018), o autoerotismo é uma parte fragmentada da sexualidade e também, uma característica do narcisismo primário, onde a criança ainda não sabe distinguir o eu e o outro, pois ainda não há um ego formado. Há “uma total indiferenciação tanto entre o ‘eu’ e o ‘outro’, como também entre os diferentes estímulos procedentes das distintas partes do seu próprio self” e como uma forma de garantir a unidade simbiótica na relação mãe-bebê (ZIMERMAN, 1999, p. 156).

O ápice da etapa pré-genital, entretanto, acontece com, simultaneamente, a ascensão e o declínio do Complexo de Édipo (FREUD, 1924/2021). Para elaborar essa teoria, Freud (1924/2021) utilizou-se da metáfora do Rei Édipo, uma obra do dramaturgo Sófocles¹. Em referência à tragédia, a criança se apaixona pela mãe e passa a ter desejo sexual por ela, de forma inconsciente. Até essa fase, a criança já chegou a ter momentos de falta, já aprendeu a esperar e já viu que essa mãe não estará disponível para atender suas necessidades a todo tempo (NASIO, 2005). O menino então, na fase fálica descobre o seu órgão genital, o pênis. Ele entende que só existe o pênis como órgão genital e acha que todo mundo tem o mesmo órgão que ele:

A principal característica dessa “organização genital infantil” é, ao mesmo tempo, sua diferença da organização genital definitiva do adulto. Ela reside no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, possui um papel. Portanto, não há um primado genital, mas um primado do falo (*Phallus*) (FREUD, 1923/2021, p. 239).

O falo não é um pênis em sua forma orgânica, mas um pênis da fantasia, como um símbolo idealizado pelo menino e pela menina, por isso acham que o pênis é universal a todos (NASIO, 2005). Ademais, o menino, no Complexo de Édipo, também entende o pênis como algo que representa a sua virilidade, sua potência, e passa a querer manipulá-lo. Porém, os pais o repreendem e dizem que ele não pode ser manipulado pelas suas próprias mãos, geralmente sob a alegação de pecado, ou de algo que não é certo. Daí advém a proibição. Contudo, vem também a ameaça de castração, o que não afeta o menino de imediato. Apaixonado pelo falo e pela mãe, em seu desejo de possuí-la,

¹ Cf. Sófocles, 2005.

o menino passa a enxergar o pai como rival em sua fantasia e como aquele que proíbe o incesto, pois ele possui a mãe que o menino tanto deseja (NASIO, 2005), o que justifica a comparação freudiana com o Édipo de Sófocles. Após o declínio do Édipo, com a submissão ao recalçamento desse desejo inconsciente, estaria instaurada a neurose e com ela a entrada na vida genital.

O modo de encarar a sexualidade infantil, pautada em princípios tão falocêntricos, entretanto, é cada vez mais questionado e Freud ganha uma nova leitura com Lacan. Se partirmos apenas desse primeiro Lacan, que não aborda ainda as tábuas de sexuação, o Complexo de Édipo não passa pela relação menino/menina, mas em papéis ocupados em um jogo eu vs. Outro.

No primeiro episódio da primeira temporada, há uma cena em que Norman conhece uma menina da escola chamada Bradley. Ela tenta se aproximar dele e ambos se interessam um pelo outro. A menina o procura várias vezes na casa dele, e quando a mãe atende já parece não gostar do fato de ter uma garota atrás de seu filho. Norma faz de tudo para que Norman e Bradley não se aproximem. Pode-se observar um ciúme da parte dessa mãe e também o fato de ela querer ser o objeto de desejo do filho, além de não permitir a entrada de um terceiro nessa relação.

Complexo de Édipo e metáfora paterna

O pai é considerado uma metáfora para Lacan (1958/1999) porque ele é um significante que substitui outro significante: “a função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (LACAN, 1958/1999, p. 180). A menina e o menino percebem que a mãe pode ser faltosa em algum momento e ficar ausente. No entanto, ela abandona o desejo de ser o falo para tê-lo, e assim deixa de ter o Outro como seu objeto de desejo e substitui por outros tipos de objeto, relação fundamental para emergir um sujeito de desejo.

Ademais, é através da metáfora paterna que acontece o recalque, mecanismo de defesa Eu, característico por excelência da neurose, que cria uma barreira aos conteúdos insuportáveis ao sujeito. Freud (1915/2015) afirma que a sua essência é manter esses conteúdos longe da consciência; e assim atua como uma forma de substituir um significante (a mãe) pelo outro (o pai). Conforme ocorre essa substituição, o significante originário é recalçado e passa para o inconsciente, fazendo com que a criança renuncie ao seu objeto original. Dito isso, a metáfora paterna põe um fim na relação incestuosa entre mãe-bebê através do falo (ARAGÃO; RAMIREZ, 2004).

Para Lacan, portanto, emergir um sujeito tem a ver com a estruturação do Eu. Lacan (1949/1998) mostra, inicialmente, que existem dois tipos do Eu: o Eu do sujeito do inconsciente e o eu do imaginário: “esse ‘eu’ (...) se refere ao pronome francês *je* e designa o sujeito do inconsciente. Já o ‘eu’ corporal se refere ao pronome francês *moi*” (p. 97). O Eu do sujeito do inconsciente se dá por letra maiúscula e se constitui no simbólico pela linguagem, e o eu corporal forma-se no imaginário pela pressuposição da imagem (especular), onde constitui-se algo unificado e abandona-se a representação de um corpo subdividido pelas pulsões parciais (COUTO, 2017).

Lacan (1949/1998) aponta, ainda, que a criança em um primeiro momento se depara com sua imagem no espelho, o que causa uma certa estranheza, pois ela não sabe identificar o que é exatamente essa figura refletida. O autor afirma que há um corpo despedaçado, pois ainda não se tem algo unificado, mas pedaços dele. Quando ela

identifica a imagem com si própria, a criança expõe uma reação de surpresa, na qual Lacan faz uma comparação do filho do homem com o chimpanzé: “o filho do homem, numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda assim por algum tempo, é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, não obstante, já reconhece como tal sua imagem no espelho” (LACAN, 1949/1998, p. 97). Essa comparação com a mímica indica a reação do bebê ao se deparar com a imagem no espelho; uma reação de impacto emocional, pois entende que aquele ser refletido no espelho é ele mesmo, na qual até brinca com os movimentos que faz com o corpo e os objetos ao seu redor (PRADO, 2016).

O bebê vê sua imagem no espelho com a ajuda da mãe, pois ainda não consegue ficar em pé sozinho, enxerga a si mesmo e possui uma resposta de júbilo, o que caracteriza a representação narcísica de satisfação por ver um corpo unificado. Essa imagem refletida é a figura da mãe, com a qual a criança até se confunde, tomando-as como uma imagem só. Entretanto, o pequeno necessita de alguém que o permita passar para o campo simbólico. Couto (2017), comenta que há uma alienação do Eu com a imagem do Outro:

Essa entrada no simbólico se efetiva por meio dos cuidados que são dispensados ao bebê pela mãe à medida que ela interpreta as sensações e o choro dele, inscrevendo marcas em seu psiquismo. O sujeito assume uma imagem que será o esboço do seu eu (*moi*). A identificação com a imagem implica em uma alienação na imagem do outro (COUTO, 2017, p. 6).

Na alienação, Lacan (1964/2008) define o Outro como o campo do simbólico, da linguagem e do sentido. O sujeito ainda não adentrou no mundo simbólico. Para isso acontecer, é necessário que ele se subjugue ao Outro, na qual haverá a alienação ao campo do Outro e o mesmo se constituirá como sujeito dividido e da linguagem (COUTO, 2017).

Em suma, o estágio do espelho para Lacan (1949/1998) é a relação do sujeito com sua realidade, é um corpo despedaçado que busca a sua totalidade.

A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innwelt* com *Umwelt*. Mas, essa relação com a natureza é alterada, no homem, por uma certa deiscência do organismo em seu seio, por uma discordância primordial que é traída pelos sinais de mal-estar e falta de coordenação motora dos meses neonatais. (...) o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação. (...) desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica (LACAN, 1949/1998, p. 100-101).

Portanto, a formação do Eu se dá não somente pelo espelho, mas pela imagem do Outro. Ela se identifica pelo desejo desse Outro, na qual sustenta esse sujeito dividido. A partir desse desejo do Outro, a criança estabelece sua relação com os objetos. Lacan (1949/1998) até menciona Charlotte Bühler, quando cita o drama do ciúme primordial – que acontece no final do estágio do espelho – onde a criança se confunde com o outro (PRADO, 2016).

Considerado isso, Torezan e Aguiar (2011, p. 535) apontam: “o inconsciente é formado pelos representantes psíquicos da pulsão, e é no processo de pulsionalização ou erogenização do corpo infantil que poderemos falar de um sujeito em constituição”, sendo que o sujeito só entra no mundo da linguagem quando se assujeita ao desejo do Outro.

A relação mãe-bebê: Norma é o crocodilo-mãe

Na série, ainda na primeira temporada, Norma conhece um dos policiais da cidade e começa a se relacionar sexualmente com ele. O filho Norman não gosta dessa relação e faz de tudo para que a mãe não fique com o policial. Pode-se observar a mãe como objeto de desejo do filho ao longo de toda a série. É nítido o quão forte é o Complexo de Édipo (FREUD, 1924/2021; LACAN, 1958/1999) nessa relação incestuosa de mãe e filho. Em várias cenas a série mostra Norma trocando de roupa na frente de Norman, eles dormindo juntos na mesma cama, trocando declarações de amor como se ambos fossem um só. Nota-se também um ciúme e proteção excessivos de um com o outro.

É preciso demarcar ainda que há ausência de outros personagens nessa relação entre mãe e filho, e que aqueles que tentam entrar não conseguem sustentar por muito tempo um lugar. O próprio pai não se faz presente, porque foi morto por Norman numa tentativa de defender a mãe da violência que cometia contra ela. Ele o mata talvez sem intenção de matar, mas o faz e não tem consequências, pois Norma esconde esse feito construindo uma cena que caracterizasse um acidente. Faz o próprio Norman acreditar nisso, sendo uma fala recorrente ao longo da série, que o pai sofreu um acidente doméstico e morreu. Ademais, precisa-se ressaltar o quanto a não responsabilização pela morte do pai tem um caráter simbólico aqui.

Há também, no segundo episódio da primeira temporada, o aparecimento de Dylan, o irmão mais velho de Norman, filho de Norma com seu irmão Caleb, uma vez que foi estuprada pelo irmão. Dylan é uma figura importante, pois é um personagem que tenta entrar nessa relação entre Norman e Norma diversas vezes, porém nunca consegue. Vale ressaltar que na tríade da metáfora paterna não basta um terceiro se fazer presente, é preciso que aquele que ocupa a função materna abra espaço e se deixe faltar. “A figura paterna representaria um rolo a impedir o crocodilo-mãe de fechar a boca (...) e abocanhar a criança!”, nos aponta Malvine Zalcborg (2019, p. 106) em alusão a uma fala de Lacan no Seminário sobre *A ética da Psicanálise*. Nesse sentido, Dylan poderia entrar como uma barra entre o sujeito e a mãe, poderia ser a metáfora paterna que Lacan fala, mas a mãe e o filho não permitem que isso aconteça e o irmão também se afasta.

O declínio do Édipo e o diagnóstico estrutural na psicanálise

Em *Psicose e laço social* (2009), Quinet aponta que as estruturas clínicas se declinam em neurose, psicose e perversão, sendo o que caracterizará a “maneira como o sujeito vai lidar com a falta inscrita na subjetividade, falta esta que vai condicionar a forma como cada um vai se haver com o sexo, o desejo, a lei, a angústia e a morte” (QUINET, 2009, p. 10). Nesse sentido, as leis do inconsciente estão presentes em todos

os sujeitos: neuróticos, perversos e psicóticos.

As estruturas clínicas possuem relação direta com a resolução do Complexo de Édipo, ou seja, cada uma delas se desenvolve a partir das consequências da resolução e os arranjos que o sujeito vai estabelecer nas relações com os outros a partir dali, em resposta ao inconsciente.

É a partir do simbólico, portanto, que se pode fazer o diagnóstico diferencial estrutural por meio dos três modos de negação do Édipo — negação da castração do Outro — correspondentes às três estruturas clínicas. Um tipo de negação nega o elemento, mas o conserva, manifestando-se de dois modos: no recalque (*Verdrängung*) do neurótico, nega conservando o elemento no inconsciente e o desmentido (*Verleugnung*) do perverso, o nega conservando-o no fetiche. A forclusão (*Verwerfung*) do psicótico é um modo de negação que não deixa traço ou vestígio algum: ela não conserva, arrasa. Os dois modos de negação que conservam implicam a admissão do Édipo no simbólico, o que não acontece na forclusão. Cada modo de negação é concomitante a um tipo de retorno do que é negado. No recalque, o que é negado no simbólico retorna no próprio simbólico sob a forma de sintoma: o sintoma neurótico. No desmentido, o que é negado é concomitantemente afirmado retornando no simbólico sob a forma de fetiche do perverso. Na psicose, o que é negado no simbólico retorna no real sob a forma de automatismo mental, cuja expressão mais evidente é a alucinação (QUINET, 2009, p. 19).

Desta forma, cada estrutura psíquica possui seus próprios mecanismos para lidar com o que ameaça a integridade psíquica, sendo na neurose (por excelência, mas há outros) o recalque, na psicose a forclusão e na perversão a denegação. Cada sujeito em sua singularidade, utiliza algum arranjo inconsciente para atravessar o Complexo de Édipo e, assim enfrentar o sofrimento, o que decorre do trauma evidenciado pela castração, que em suma significa a separação da mãe e o desinvestimento de uma parcela de libido por parte deste outro (QUINET, 2009).

As estruturas psíquicas de cada sujeito não podem ser modificadas, ou seja, não é possível a um neurótico passar a ser psicótico, ou psicótico tornar-se perverso ao longo da vida, mas desde Freud entende-se que as relações que cada um vai estabelecer com o outro não são cristalizadas, por isso configurações próprias podem sofrer atualizações no grau dos traços de cada uma, de acordo com as experiências. Ademais, há casos difíceis de estabelecer um diagnóstico “do ponto de vista laciano, não se pode pertencer a duas estruturas, não há recobrimento de estruturas. Há casos em que é difícil diferenciar as estruturas” (MILLER, 1997, p. 225).

Uma ilustração de caso de psicose a partir do personagem Norman Bates

Nas próximas temporadas, Norman começa a apresentar um sintoma que os personagens denominam de “apagões”. São momentos em que o menino fica como se estivesse em estado de transe ou inconsciente e, depois que volta à consciência, não se lembra de nada do que aconteceu. A mãe esconde esses apagões e também o que Norman faz quando os vivencia, sendo que ele não sabe o que esse sintoma quer dizer. No desenvolver da série, mostra como a situação psíquica do Norman vai se agravando. Esses sintomas aumentam, o garoto passa a ter surtos e começam a aparecer as alucinações.

Alucinações podem ser sintomas de um quadro que evidencia uma cisão no psiquismo ou na personalidade, se seguirmos por uma leitura psiquiátrica clássica. Por uma leitura psicanalítica, por sua vez, podemos entender tais “sintomas” como o retorno de algo do inconsciente na experiência simbólica do sujeito. Nesse sentido, elas são uma espécie de remendo (FREUD, 1923/2021) criado pelo sujeito para colocar-se na vida, dando um norte para pensarmos o modo como esse sujeito se estrutura no jogo de relações eu-Outro.

Conforme Quinet (1991/2009), entende-se que o Complexo de Édipo é o pontapé inicial para dar origem às estruturas clínicas. Na estrutura psicótica, em específico, o modo de negação frente a separação exigida para o declínio do Édipo não deixa rastros. Nesta estrutura ocorre a foraclusão, a qual está ligada a um Complexo de Édipo que não teve declínio.

Como o retorno é no real, ou seja, fora do simbólico, emprega-se o neologismo “foraclusão” como versão do termo francês *forclusion*, utilizado no âmbito jurídico para se referir a um processo prescrito, ou seja, aquele de que não se pode mais falar porque legalmente não mais existe. O termo de foraclusão como forma de negação indica por si mesmo esse local de retorno, a “inclusão” fora do simbólico (QUINET, 1991/2009, p. 19).

No texto *Neurose e Psicose*, Freud (1924/2021) argumenta que entre a neurose e psicose existe uma diferença genética: “a psicose é o resultado análogo de uma perturbação semelhante nas relações entre o Eu e o mundo exterior” (FREUD, 1924/2021, p. 271-272). Sendo assim, a psicose é resultado de um conflito entre o Eu e o mundo externo, pois o psicótico não consegue lidar com a realidade.

Quinet (1991/2009) afirma que cada modo de negação ocorre simultaneamente a um retorno do que foi negado. Na psicose, por exemplo, o que é negado no simbólico, aparece como retorno, a alucinação no real. Nesse sentido, o Eu é marcado pelas experiências internalizadas antigas e percepções novas que estão sempre se renovando. O mundo interior do sujeito é representado como uma cópia do mundo exterior. Na psicose, as novas percepções não são bem aceitas e o investimento no mundo interior é retirado, fazendo com que o Eu crie uma nova realidade para si, como um mecanismo de defesa do Eu (FREUD, 1924/2021).

O Eu cria autonomamente para si um novo mundo exterior e interior, e não resta dúvida sobre dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com as moções de desejo do Isso, e que o motivo dessa ruptura com o mundo exterior foi um grave e intolerável impedimento de desejo por parte da realidade (FREUD, 1924/2021, p. 273).

Essa nova realidade é criada justamente para que as moções pulsionais do Id possam ser satisfeitas, já que o mundo exterior nem sempre permite que as pulsões sejam saciadas, e para o psicótico é impossível aceitar isso. Se é a partir da proibição do incesto e com o declínio do Édipo que ocorre a formação do supereu, na psicose, como não houve declínio, também não é possível a formação do supereu. Freud (1924/2021) conclui que: “as neuroses e psicoses se originam do conflito do Eu com as várias instâncias que o controlam, correspondendo a um fracasso na função do Eu que mostra

seu esforço em conciliar as exigências das várias instâncias” (FREUD, 1924/2021, p. 275).

Conclui-se, portanto, que não havendo a instância superegoica na estrutura psicótica, o retorno dos conteúdos inconscientes em tal estrutura aparece na clínica em forma de distúrbios de linguagem, evidentes na relação do sujeito com o significante. Nesse sentido é que aparecem as vozes advindas de alucinação e o delírio, pois o sujeito não consegue explicitar a atribuição que ele faz de uma significação enigmática a um certo evento. Ao contrário, ele ouve seus pensamentos repetindo-se em sua mente e os toma como pensamentos impostos por outros. Em outras palavras, ele atribui sua própria cadeia de significantes a outro, não reconhecendo tais pensamentos como dele próprio. Para o psicótico, essas ideias são uma certeza (QUINET, 1991/2009).

São ideias que não são dialetizáveis e, por não poderem ser submetidas a dúvidas e a questionamento, impõem-se como blocos monolíticos, como certezas. A dúvida é característica do neurótico porque denota uma divisão do sujeito, onde há um sim e um não. Na psicose, a certeza — certeza delirante por excelência — já mostra, portanto, um distúrbio na linguagem (QUINET, 1991/2009, p. 21).

Portanto, a psicose possui a certeza como uma indicação de um distúrbio na linguagem. Essa certeza é uma certeza delirante, ou seja, só faz sentido para o sujeito psicótico.

Voltando à série, em alguns momentos Norman apresenta alucinações auditivas e visuais de sua mãe, como por exemplo na cena em que ele e a menina Bradley estão na estrada de carro fugindo. Nesta cena, Norma aparece no banco de trás e diz ao Norman que quer falar com a menina. Ele diz à mãe que ela precisa ir embora. A menina não entende, pois não tem ninguém no carro além dela e o menino. Norman manda sua mãe ir embora, depois que ela falar com a garota. Ele fala para a Bradley que a mãe dele quer falar com ela, a qual fica confusa com as palavras dele. Nesse momento, seria como se o Norman estivesse tendo o apagão. Ele a manda encostar o carro e fala com ela como se ele mesmo fosse Norma Bates. Ele a arranca do carro e depois bate com a cabeça da garota na pedra várias vezes até matá-la.

Notam-se presentes ali delírio e alucinação auditiva, sintomas da experiência de perda da realidade na psicose (FREUD, 1924/2021; QUINET, 1991/2009), ao ouvir a mãe conversando com ele, como se ela estivesse presente; e também uma alucinação visual, por ver a mãe sentada no banco de trás do carro. Analisando essa cena, pode-se perceber que a realidade do mundo externo naquele momento é criada por Norman: a fuga dele com uma garota. Ele não consegue lidar com essa realidade de ficar longe da mãe, de intencionalmente fugir dela e abandoná-la, e, nesse caso, cria outra realidade, matando a menina que ameaça sua junção simbiótica com a mãe. Retomando Lacan (1949/1998), Norman segue sendo o bebê colado à imagem una com a mãe, do espelho. As alucinações são uma forma de criar a nova realidade.

Há uma outra cena em que o Norman assume o papel da mãe, quando ela própria, depois de uma discussão, sai de casa. O garoto não consegue lidar com essa realidade e faz a substituição de uma realidade por outra: Dylan entra na cozinha e vê o menino vestido com o roupão da mãe, preparando o café da manhã, tratando o irmão exatamente como a mãe o trata, imitando a fala e as atitudes da mãe.

Entretanto, talvez o ápice da séria, e uma das cenas mais marcantes, é relativa à morte da mãe. Quando Norma morre, Norman, não conseguindo lidar com o fato extremamente doloroso, nega a sua morte. Nesta cena ele vai até o cemitério, busca o corpo da mãe, leva-o para casa e o congela no *freezer* do porão. Dali por diante ele começa uma nova realidade, como se a mãe estivesse viva ainda. Passa a ter alucinações novamente, como se estivesse vendo e falando com a mãe pela casa, o que nos faz inferir que a morte da mãe é uma realidade que ele não consegue encarar, ele perde totalmente a realidade recusando essa morte. Quando ele traz o corpo dessa mãe, ele passa a criar uma nova realidade de que ela está viva e que está ali com ele conversando e cuidando dele, acompanhado das alucinações.

Essa cena faz lembrar de um exemplo de uma paciente, Elizabeth Von R., que Freud (1924/2021) comenta em *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Diante da morte da irmã, por cujo marido era apaixonada, é assombrada pela ideia que lhe vêm oriunda de seu desejo: com a morte da irmã, estaria livre para ficar com seu marido. Para afastar essa ideia da consciência, imediatamente ocorre o recalque desse pensamento:

(...) a moça, apaixonada por seu cunhado, fica abalada com a seguinte ideia no leito de morte da irmã: 'agora ele está livre e pode se casar com você'. Essa cena é imediatamente esquecida, e, com isso, é acionado o processo de regressão que leva aos sofrimentos histéricos (FREUD, 1924/2021, p. 280).

Partindo de uma estrutura neurótica, a manobra psíquica construída é o recalque, tal como nos aponta Freud (1924/2021). Na psicose, por sua vez, veríamos que ao invés de recalcar, o psiquismo poderia negar que a irmã estivesse morta. Mantendo sua presença viva, haveria também o impeditivo para o relacionamento. Assim, vale ressaltar que na psicose o sujeito cria uma nova realidade, mais condizente com a eliminação de conflitos. Essa criação deve-se ao fato do sujeito não conseguir lidar com a realidade do mundo externo (FREUD, 1924/2021).

Ademais, a reestruturação da psicose ocorre através de vínculos no psiquismo como por exemplo, traços de memória, julgamentos e representações. É um vínculo em constante modificação ligado a novas percepções, pois quando uma nova realidade é criada, todas as percepções, atitudes e pensamentos relacionados ao psíquico precisam estar alinhadas a ela. Nesse sentido, exige-se fazer novas mudanças para se adaptar, e um dos mecanismos que ajudam isso acontecer é a alucinação (FREUD, 1924/2021). Outro exemplo clássico que poderíamos fazer referência é à emasculação vivida por Schreber diante da impossibilidade de reconhecer-se com uma paixão homossexual. Para lidar com tal impossibilidade, vê seu corpo transformando-se em um corpo feminino, momento em que assume o lugar da mulher de Deus.

Portanto, alucinações, formações delirantes, confusões de memória são maneiras do sujeito, na estrutura psicótica, lidar com a nova realidade, pois lidar com o mundo externo é algo extremamente angustiante.

Algumas considerações sobre a psicose a partir do caso de Norman Bates

A partir dos estudos e das pesquisas realizadas nesse trabalho, pode-se concluir que o sujeito e sua constituição são muito importantes para a clínica psicanalítica.

Mesmo que não defina um caminho nem reto, nem claro para a condução do trabalho, a estrutura clínica nos dá algumas pistas. Considerar todos os aspectos do sujeito é extremamente essencial na hora de realizar uma escuta clínica, e em cada sessão. Compreende-se que o sujeito possui o seu tempo lógico, seus objetos de desejo, suas angústias, e que o modo como o Complexo de Édipo é atravessado (ou não) pelo sujeito deve ser observado e considerado pelo psicanalista.

Compreende-se que a psicose é uma estrutura clínica que requer um tratamento, opondo-se à impossibilidade que Freud viu em tais casos, e mais condizentes com Lacan (1955-1956/1999), quando nos orienta a não recuar diante da psicose. Tal como a neurose, cada uma em sua especificidade, causa um sofrimento psíquico muito grande para o sujeito com as reelaborações da realidade, oferecendo uma escuta, um acolhimento e um manejo clínico.

Enquanto personagem fictício, Norman Bates é representativo da estrutura clínica da psicose e a consequência é que o menino está sempre criando novas realidades para lidar com o mundo externo, o que lhe acarreta grande sofrimento psíquico. Não se trata do caso da série, que é uma produção audiovisual e fictícia, mas como exercício poderíamos pensar a condução do tratamento com Norman. Na série, ele é tratado com medicamentos indicados pelo psiquiatra, juntamente com acompanhamento psicológico. Pela clínica psicanalítica, além das especificidades medicamentosas, esse tratamento deveria ser acompanhado de escuta e acolhimento. Tal como nos alerta Lacan em seu Seminário sobre *As psicoses*, o analista não deveria recuar de atender um caso como o do Norman, nem deixar de considerar as alucinações e delírios como algo concernente à realidade do sujeito, como a sua verdade.

É de suma importância compreender que não se trata de buscar uma cura para a psicose, já que o sujeito não pode ser curado de seu inconsciente, que sempre irá se manifestar, seja através de sonhos, chistes, lapsos de memória, atos falhos e etc. As origens da psicose estão ligadas ao Édipo e ao complexo de castração e, “se o sujeito é psicótico, é importante que o analista o saiba, pois a condução da análise não poderá ter como referência o Nome-do-Pai e a castração. Daí a importância de se detectar a estrutura clínica do sujeito nas entrevistas preliminares” (QUINET, 1991/2009, p. 22).

Por fim, embora a pesquisa tenha sido desenvolvida sem a análise de um caso de psicose real, no enlace da análise da série com os atendimentos clínicos desenvolvidos como estagiária de psicologia, foi possível compreender melhor como o tema da constituição do sujeito aparece na clínica. A pesquisa poderá ter continuidade explorando mais a fundo as outras estruturas clínicas da psicanálise, como a neurose e a perversão. Também pode-se explorar mais sobre como o analista pode trabalhar os casos das estruturas clínicas e outras demandas recorrentes do sujeito.

Referências

- ARAGÃO, Heloísa Helena; RAMIREZ. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. **Mental**, v. 2, n. 3, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272004000200008&script=sci_abstract Acesso em: 21 jan. 2023
- BATES MOTEL**. Direção de Tucker Gates. Roteiro de Anthony Cipriano e Carlson Cuse, EUA, 2013. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/bates-motel/t/R8grTD6DZR/temporadas/3/> Acesso em: 21 nov. 2022

- BOROTO, Ivonicleia Gonçalves; SENATORE, Regina Célia Mendes. A sexualidade infantil em destaque: algumas reflexões a partir da perspectiva freudiana. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1339-1356, jul., 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12583> Acesso em: 21 jan. 2023
- COUTO, Daniela Paula. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 1-2, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004 Acesso em: 21 jan. 2023
- FREUD, Sigmund. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. **Amor, Sexualidade, Feminilidade**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1916/2021.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Obras completas de Sigmund Freud, vol VI. São Paulo: Companhia das Letras, 1905/2016.
- _____. Notas Psicanalíticas Sobre Um Relato Autobiográfico De Um Caso De Paranóia (Dementia Paranoides) (1911). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1911/1996.
- _____. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros Trabalhos (1914). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1905/2015.
- _____. Perda da realidade na neurose e psicose. In **Neurose, Psicose, Perversão**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1923/2021.
- _____. Neurose e Psicose. In **Neurose, Psicose, Perversão**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1924/2021.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956)**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Tradução de Vera Ribeiro, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In J. Lacan. **Escritos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.
- MAROCHI, Giovana Luiza; CREMASCO, Maria Virginia Filomena. Entre Morrer e Existir: da Falha na Inscrição do Autoerotismo aos Impasses da Passagem de Menina a Mulher na Anorexia. **Ágora**, n. 21, v. 2. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/8wpVnnNfvybYQMrwtnSQNSC/abstract/?lang=pt> Acesso em: 21 jan. 2023
- MILLER, Jacques Alain. Lacan elucidado: palestras no Brasil. Corpo Freudiano do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- PRADO, Antonia Claudete A. L. **O estádio do espelho, o narcisismo e o Outro**. Instituto Trianon de Psicologia, São Paulo: 2016.
- QUINET, Antônio. **As 4 + 1 Condições da Análise**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

- SANTOS, Marcell. Desenvolvimento Sexual Infantil. **O portal dos psicólogos**. Minas Gerais, 24 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0980.pdf> Acesso em: 26 out. 2022.
- SÓFOCLES. **O Rei Édipo (c. 496 AC-406 AC)**. Tradução J. B. de Mello e Souza, 2005.
- TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004 Acesso em: 21 jan. 2023
- ZALCBERG, Malvine. **De menina a mulher: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.
- WEIMANN, Amadeu de Oliveira. Sobre a análise fílmica psicanalítica. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100001 Acesso em: 21 jan. 2023
- ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica**. Uma abordagem didática. Porto Alegre : Artmed, 2007.